

Os riscos de uma dívida elevada e da desunião europeia

João Duque, professor catedrático do ISEG, olha para o presente e o futuro da economia portuguesa. "Enquanto houver medo, não haverá recuperação."

Por [Nuno Domingues](#)

21 Julho, 2020 • 16:57

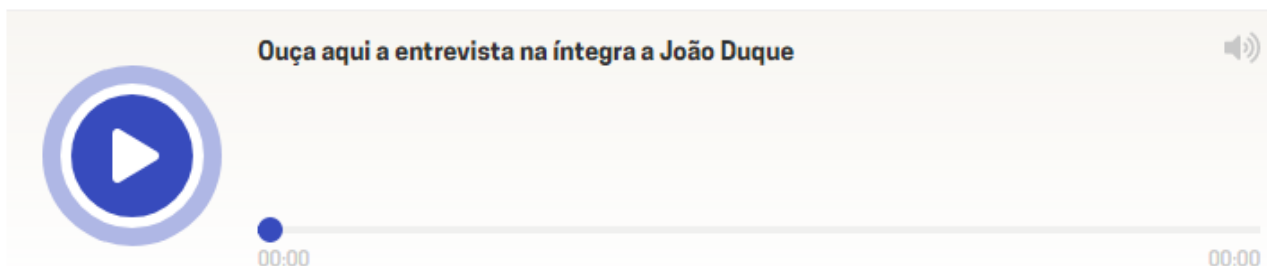


© Filipa Bernardo Global Imagens

João Duque defende que a estratégia de reindustrialização seja alinhada entre os diversos estados europeus, até para tirar lições da recente crise e da fragilidade que revelou em termos de dependência da China.

Entrevistado na TSF, na Semana dos Estado da Nação, o professor catedrático de finanças do ISEG e comentador do programa da TSF "A Vida do Dinheiro", explicou

que "se tivesse responsabilidades na Europa, não ia dizer a um país 'toma lá o dinheiro e faz o que quiseres,' porque o outro pode fazer a mesma coisa". Outra fragilidade a evitar seria o predomínio de um setor, como o turismo. João Duque assinala que não fomos buscar os turistas, e que eles apareceram e Portugal tornou-se moda. E nós deixamo-nos levar por essa facilidade.



Este especialista em finanças e mercados admite a dívida possa atingir "os 137% do PIB, ou até mais", mas diz que isso será tanto mais grave, quanto for a diferença do crescimento de Portugal, para os restantes países.

Se a diferença aumentar, então Portugal tem um problema. Especialmente, se o Banco Central Europeu decidir parar o programa de compra de dívida, estando nós demasiado afastados do grupo.

Estrategicamente, o país preferiu trocar dívida, e fazer crescer o PIB, sem diminuir o valor absoluto da dívida.

Se a opção tivesse sido outra, na opinião de João Duque, talvez os próximos tempos fossem menos penosos.

Depois de cinco anos de protagonismo do Ministro das Finanças, mal seria se o novo ministro continuasse a ser o protagonista das políticas económicas e financeiras.

Quanto à retoma, só quando o medo for ultrapassado é que podemos falar de recuperação da economia.

"O medo é o húmus que enfraquece a economia", diz João Duque.